



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

RAFAELA LEITE ARAÚJO

TRAIÇÃO E VINGANÇA NOS CONTOS DE MACHADO DE ASSIS E CLARICE
LISPECTOR

Campina Grande, PB

2014

RAFAELA LEITE ARAÚJO

TRAIÇÃO E VINGANÇA NOS CONTOS DE MACHADO DE ASSIS
E CLARICE LISPECTOR

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Educação da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof. Me. Antônio de Brito Freire

Campina Grande, PB

2014

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

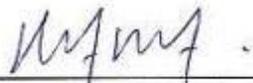
A658t Araújo, Rafaela Leite.
Traição e vingança nos contos de Machado de Assis e Clarice Lispector [manuscrito] / Rafaela Leite Araújo. - 2014.
36 p.
Digitado.
Monografia (Especialização em Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação a Distância , 2018.
"Orientação : Prof. Dr. Antônio de Brito Freire , Departamento de Letras e Artes - CEDUC."
1. Leitura. 2. Literatura. 3. Machado de Assis. I. Título
21. ed. CDD 372.4

RAFAELA LEITE ARAÚJO

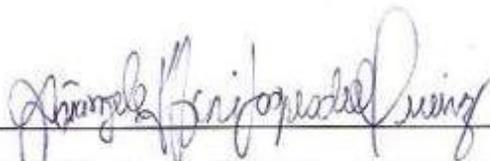
TRAIÇÃO E VINGANÇA NOS CONTOS DE MACHADO DE ASSIS
E CLARICE LISPECTOR

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

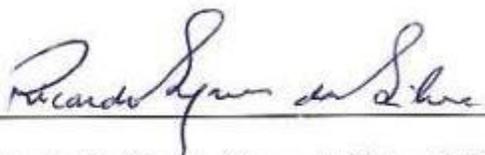
Aprovada em 22/11/2014.



Prof. Me. Antônio de Brito Freire / UEPB
Orientador



Prof.ª Dr.ª Rosângela Maria Soares de Queiroz / UEPB
Examinadora



Prof.ª Dr. Ricardo Soares da Silva / UEPB
Examinador

Dedicatória

A todos que me ajudaram nesta árdua jornada de trabalho e estudo paralelos, acreditando que eu conseguiria. À minha mãe, que sempre esteve ao meu lado. Ao meu esposo, que muito me ajudou e me motivou em cada momento.

AGRADECIMENTOS

A cada pequeno passo, percebemos o quanto estamos amadurecendo e conquistando amizades que levaremos pelo resto de nossas vidas. Durante este período de especialização vivi intensas transformações, desde o fortalecimento de amizades até os preparativos para o meu casamento. As amigas com quem até então convivía no espaço de trabalho, passaram a se tornar cada vez mais indispensáveis, tanto nos momentos de descontração quanto no compartilhamento de dúvidas e angústias. O meu noivo, que sempre me apoiou e motivou, hoje é o meu esposo, o homem que Deus cuidadosamente reservou para me fazer imensamente feliz.

Agradeço em primeiro lugar à minha família, sem a qual não seria metade do que sou, minha base e minha fortaleza, meu amor incondicional. Amo e admiro todos vocês.

Ao meu esposo Yury Soares Alves, que de tanto me cobrar, exatamente porque sempre acreditou em mim, me viu em pouco tempo subir alguns degraus. Devo muito a você, além de amar e admirar.

Às minhas amigas, que partilharam das mesmas angústias e falta de tempo. Muitas das nossas conquistas foram concomitantes, espero que outras muitas possam ainda acontecer. Admiro a capacidade e o esforço de todas.

Agradeço ao meu orientador Antônio de Brito Freire, que me ajudou bastante, abrindo horizontes e possibilitando novas percepções. Sem ele este trabalho não teria sido possível.

Agradeço a Deus, principalmente, que me presenteou com pessoas maravilhosas ao redor.

RESUMO

Ao procurarmos possíveis justificativas para o desinteresse dos alunos do Ensino Médio pelo ensino de literatura, nos deparamos com uma sociedade atual, em especial a juventude, que não cultiva o hábito da leitura. Por outro lado, observamos que muitas vezes o ensino acontece de forma descontextualizada. Buscando despertar o interesse desse público, intencionamos aproximar do seu dia a dia os clássicos, em especial os escritos de Machado de Assis, comparando-o a uma autora não menos renomada, Clarice Lispector. Uma vez que literatura e sociedade mantêm entre si uma estreita relação, o nosso estudo permitiu inclusive que se compreendesse a sociedade em que estão inseridos. Assim, a relevância do nosso trabalho estava em permitir a comparação entre textos provenientes de momentos literários *a priori* tão distintos, além de promover a aproximação entre ficção e realidade. O nosso objetivo de pesquisa consistiu em investigar se há alguma semelhança entre atitudes e reações de pessoas traídas em tempos históricos e literários distintos. Nesse ínterim, nossa problemática associava-se a compreender como a atualidade da obra de Machado de Assis pode nos auxiliar a entender e analisar os sentimentos de traição e vingança nos dias de hoje. A natureza da pesquisa é bibliográfico-interpretativa. Para tanto, selecionou-se como *corpus* de análise dois contos que abordavam a mesma temática – traição e vingança – *A cartomante* e *O corpo*, de Machado de Assis e Clarice Lispector, respectivamente. Sendo assim, a análise foi embasada em pressupostos teórico-críticos: características do Realismo e da contemporaneidade, com base em Bosi (1994) e Cândido (2006); literatura comparada, através de Carvalhal (2004); sexualidade, por meio de Bozon (2004) e Foucault (1988); erotismo, na esteira de Bataille (2004) e Castello Branco (2004); relação entre literatura e realidade, a partir de Bosi (2007) e Cândido (2006); teoria da literatura, através de Freedman e Miller (1994) e Costa Lima (2002) e especificidades do gênero literário conto, com base em Reis (1984). Com isso, aventamos como hipótese para a nossa pesquisa a possibilidade de pressupor, a partir do conto realista em estudo, atitudes/ações humanas semelhantes entre os contos analisados, embora pertencentes a diferentes períodos históricos e literários.

Palavras-chave: Literatura Comparada, Traição, Vingança.

ABSTRACT

In seeking possible explanations for the lack of interest among high school students by teaching literature, we came across a modern society, especially the youth, who does not cultivate the habit of reading. Moreover, we observe that often happens in the teaching decontextualized form. Seeking to arouse the interest of the public, we intend to approach your day-to-day classics, particularly the writings of Machado de Assis, comparing it to a no less renowned author Clarice Lispector. Since literature and society maintain a close relationship with each other, our study allowed even if they understand the society in which they live. Thus, the relevance of our work was to allow comparisons between texts from different literary as a priori moments, besides fostering closer links between fiction and reality. Our research goal was to investigate whether there is any similarity between attitudes and reactions of people betrayed in different literary and historical times. Meanwhile, our problem was associated with understanding how the relevance of the work of Machado de Assis can help us understand and analyze the feelings of betrayal and revenge today. The nature of the research literature is interpretative. To do so, was selected as part of analysis two stories that addressed the same themes - betrayal and revenge - the fortune teller and the body, Machado de Assis and Clarice Lispector, respectively. Therefore, the analysis was based on theoretical and critical assumptions: characteristics of Realism and the contemporary, based on Bosi (1994) and Candide (2006); comparative literature through Carvalhal (2004); sexuality through Bozon (2004) and Foucault (1988); eroticism in the wake of Bataille (2004) and Castello (2004); relationship between literature and reality, from Bosi (2007) and Candide (2006); theory of literature through Freadman and Miller (1994) and Costa Lima (2002) and the specific literary genre tale, based on Reis (1984). With this, aventamos hypothesis for our research the possibility of assuming, from the realistic tale study, attitudes / similar human actions between the tales analyzed, although belonging to different historical and literary periods.

Keywords: Comparative Literatura, Betrayal, Revenge.

Sumário

Introdução.....	8
Fundamentação Teórica.....	12
1. A respeito do gênero conto, do Realismo e dos autores Machado de Assis e Clarice Lispector.....	12
1.1. Gênero literário conto: definição e importância.....	12
1.2. Breve associação entre literatura e sociedade.....	14
1.3. Machado de Assis e a análise psicológica de seus personagens	16
1.4. A introspecção em Clarice Lispector.....	17
1.5. Aspectos relacionados à contemporaneidade.....	19
2. Teoria da comparação e percepções acerca da traição.....	20
2.1. A literatura comparada: conceito e história.....	20
2.2. Breve percurso sobre a história da traição.....	22
3. Análise.....	24
3.1. Sobre o erotismo e seus impulsos.....	24
3.2. Uma abordagem do conto A cartomante, de Machado de Assis.....	25
3.3. Um olhar sobre o conto O corpo, de Clarice Lispector.....	29
3.4. Em busca de uma visão consensual.....	31
4. Conclusões.....	33
5. Referências.....	35

Introdução

O ensino de literatura muitas vezes está associado a momentos enfadonhos e desinteressantes para os alunos de Ensino Médio. Ao procurarmos possíveis justificativas para tamanho desinteresse, nos deparamos com uma sociedade atual, em especial a juventude, que não cultiva o hábito da leitura. Por outro lado, observamos que muitas vezes o ensino acontece de forma descontextualizada, sem nenhuma correlação com o que os jovens vivenciam e o que é trazido pelos textos literários.

Buscando despertar o interesse desse público que nasceu na era tecnológica, mas que carrega sérias dificuldades em utilizá-la em seu benefício, intencionamos aproximar do seu dia a dia os clássicos, em especial os escritos de Machado de Assis, os quais são marcados até hoje pela atualidade de suas temáticas, decorrente da abordagem do homem universal e da análise psicológica sempre presente. Uma vez que literatura e sociedade mantêm entre si uma estreita relação, o nosso estudo permitirá inclusive que se compreenda a sociedade em que estão inseridos.

Portanto, compreender a literatura seria, de certo modo, compreender, ainda que parcialmente, a realidade, tendo em vista que, embora não se restrinja a uma representação fiel, as duas caminham lado a lado. Nesses moldes, a relevância do nosso trabalho está em permitir a comparação entre textos provenientes de momentos literários *a priori* tão distintos, além de promover a aproximação entre ficção e realidade, esta última possibilitando uma análise da sociedade. Para tanto, nos debruçaremos ainda sobre o estudo da literatura comparada, percebendo o seu objeto de estudo e as possibilidades de relacionar escritores marcantes e significativos até hoje.

Nosso trabalho intenciona ainda demonstrar o resultado de sentimentos negativos como traição e vingança em períodos distintos, mostrando como se manifestam e em que culminam, mais uma vez por meio de uma análise comparativa entre textos cujos autores, além de renomados, são reconhecidos pela capacidade de analisar psicologicamente seus personagens. Para tanto, nosso texto possibilitará também uma relação entre indivíduo e sociedade, o primeiro sempre agindo de acordo com as determinações desta última.

Mesmo sendo debatida e analisada há mais de um século, a obra de Machado de Assis não se torna obsoleta, e, mesmo que se pense que o seu estudo já poderia ser considerado encerrado, satisfatório, percebemos a necessidade de se discutir e analisar muito do que é apresentado em seus textos. Um dos pontos que nos desperta a atenção é que seus escritos são

considerados bastante atuais e, de fato, o são, no entanto, vale salientar que trata-se também de um reflexo da sociedade à qual se refere: a burguesia do Rio de Janeiro do século XIX. Bosi, em seu livro *Machado de Assis – o enigma do olhar*, afirma que “a literatura é o espelho do que observa o romancista” (BOSI, 2007, p. 14).

Foi durante o Realismo, período caracterizado pela denúncia social, que Machado passou a observar e detalhar comportamentos humanos, em especial negativos, fazendo uma espécie de análise psicológica dos personagens, transpondo para a ficção atitudes, ações e anseios típicos da realidade. O referido autor já havia publicado durante o Romantismo, trazendo em seus romances muitas das temáticas que seriam aprofundadas durante o Realismo, porém foi durante este último um escritor de destaque, sendo considerado o mais importante escritor realista, que, com perspicácia, flagrava os acontecimentos cotidianos. Com isso não estamos afirmando que ele apenas recriou a sociedade, pois o seu olhar garantiu as peculiaridades da sua escrita e de personagens marcantes e lembrados até hoje, como *Capitu*, *Brás Cubas*, *Dom Casmurro*, entre outros. Antônio Cândido (2006) lembra que apenas por uma análise simplista pode-se supor que basta perceber as características da sociedade para se compreender a totalidade da obra. Sainte-Beuve, conforme citado em Cândido, esclarece que “o poeta não é uma resultante, nem mesmo um simples foco refletor; possui o seu próprio espelho, a sua mônada individual e única. Tem o seu núcleo e o seu órgão, através do qual tudo que passa se transforma, porque ele combina e cria ao devolver à realidade” (Sainte-Beuve, apud Cândido, 2006, p. 27).

Não se pode assumir uma perspectiva dualista em que se afirme que a literatura é apenas o reflexo da sociedade, como também não se pode negar que a sociedade tem o poder de influenciá-la, primeiro porque ela nasce em meio a determinados hábitos sociais; segundo pelo fato de a mesma também ter o poder de modificar concepções sociais, isto é, a escrita parte de uma determinada época, certos costumes e ações, então é pouco provável que não sofra nenhuma influência social; os textos são destinados a determinado público, logo influenciarão de alguma maneira a sociedade (CÂNDIDO, 2006).

Nosso ponto de partida são as atitudes e comportamentos humanos observados especificamente em um dos contos de Machado de Assis – *A cartomante* – buscando compreender até que ponto as mencionadas atitudes e comportamentos ficaram restritos ao tempo em que foram produzidos, esclarecendo se há uma relação direta entre o texto e o período de sua produção. Para tanto, faremos uma análise comparativa entre o mencionado conto e o conto contemporâneo *O corpo*, de Clarice Lispector, observando que este último

traz alguns comportamentos e posturas observados na escrita de Machado de Assis no século XIX.

Tratando-se de dois momentos bastante distintos da literatura, buscamos entender a profundidade da análise dos sentimentos mais negativos demonstrados por meio das personagens: posse, traição e vingança, sendo este o nosso objetivo de pesquisa: investigar se há alguma semelhança entre atitudes e reações de pessoas traídas em tempos históricos e literários distintos. Nesse ínterim, nossa problemática está associada a compreender como a atualidade da obra de Machado de Assis, em especial no que se refere ao conto em estudo, *A cartomante*, pode nos auxiliar a entender e analisar os sentimentos de traição e vingança nos dias de hoje, comparando-o ao conto contemporâneo *O corpo*, de Clarice Lispector.

Com isso, aventamos como hipótese para a nossa pesquisa a possibilidade de pressupor, a partir do conto realista em estudo, atitudes/ações humanas semelhantes entre os contos analisados, embora pertencentes a diferentes períodos históricos e literários, tendo em vista que se trata de uma análise psicológica e comportamental dos personagens presentes nos mencionados textos. Desse modo, através de uma pesquisa interpretativa, buscaremos avaliar as transformações e permanências de anseios e comportamentos humanos, compreendendo semelhanças e divergências entre os personagens em estudo.

Para embasarmos nossa pesquisa, utilizamo-nos a princípio de uma pesquisa qualitativa, por meio da análise e interpretação de dados, abordando categorias teórico-conceituais como características do Realismo e da contemporaneidade, a partir de Bosi (1994) e Cândido (2006), literatura comparada e comparação entre Machado e Clarice, a partir de Carvalho (2004) e Simon (2009), respectivamente, impulsos da sexualidade, através de Bozon (2004) e Foucault (1988), erotismo, com base em Bataille (2004) e Castello Branco (2004), relação entre literatura e realidade, novamente na esteira de Bosi (2007) e Cândido (2006); teoria da literatura, por meio de Costa Lima (2002) e Freedman e Miller (1994) e teoria do gênero literário conto, através de Reis (1984).

Percebemos nos textos de Machado de Assis, em especial no conto em estudo, uma forma de analisar e pressupor atitudes e ações humanas, tendo em vista o viés psicológico de sua obra, bem como compará-los a textos contemporâneos que mostram medos e anseios dos indivíduos por meio da ficção, mostrando que eles são capazes de resultar em atitudes muitas vezes inesperadas.

Para alcançarmos nossos objetivos, utilizaremos de uma pesquisa bibliográfica, com base em um viés qualitativo e interpretativo, comparando e analisando contos

pertencentes a períodos históricos e literários bastante distintos, quais sejam: *A cartomante*, de Machado de Assis e *O corpo*, de Clarice Lispector.

A partir da leitura do *corpus*, será realizada uma análise psicológica comparativa entre os personagens, por meio da associação entre comportamentos semelhantes e díspares observados ao longo das obras, lembrando que os textos foram delimitados a partir do período literário do qual faziam parte e da temática abordada, embora a sociedade que serve como pano de fundo para cada conto seja absolutamente distinta.

Nosso estudo foi organizado da seguinte maneira: no primeiro capítulo, esboçaremos brevemente acerca das características do gênero literário conto, faremos uma aproximação entre literatura e sociedade, analisaremos em poucas linhas a escrita de Machado de Assis e Clarice Lispector, bem como alguns traços do Realismo e da contemporaneidade, que demarcam cada obra analisada. No segundo capítulo, discorreremos sobre o conceito e a história da literatura comparada e faremos um percurso sobre a história da traição. Por fim, no terceiro capítulo, será realizada a análise propriamente dita, para a qual avaliaremos os impulsos da sexualidade e faremos um estudo mais detalhado de cada um dos contos que nos servem como *corpus*, além de buscar pontos comuns e díspares entre eles.

Fundamentação Teórica

1. A respeito do gênero conto, do Realismo e dos autores Machado de Assis e Clarice Lispector

Uma vez que embasaremos nosso trabalho em um *corpus* caracterizado por dois contos, discutiremos sua definição e sua importância para a literatura, pois muitos renomados autores produziram em demasia este gênero. Posteriormente, uma vez que o nosso *corpus* pertence a momentos históricos e literários distintos, faz-se necessário um percurso pela relação entre literatura e realidade, observando a relevância e a influência de cada uma. Desse modo, buscaremos compreender até que ponto a literatura é influenciada pela sociedade da época e até onde vai o pensamento e a inventividade do autor. Também faz parte do nosso objetivo explicar características e peculiaridades da escrita de Machado de Assis e Clarice Lispector, a fim de percebermos confluências e divergências entre os dois autores.

1.1. Gênero literário conto: definição e importância

Ao longo do tempo, a definição da palavra conto sofreu muitas alterações. Tanto pode estar associada ao ato de contar (somatória) quanto às várias histórias narradas sob diferentes perspectivas. Em se referindo à língua, também podemos afirmar que sua concepção foi modificada, uma vez que temos o conto inicialmente como uma narrativa oral, que servia para entreter antigos povos que se reuniam para passar o tempo, narrando ingênuas histórias de bichos, lendas populares ou mitos arcaicos (REIS, 1984).

A partir desse viés de história popular, utilizada como um passatempo, o conto não pode deter-se a uma única autoria, pois trata-se de narrativas que passavam de geração a geração, tentando prender-se fidedignamente à sua forma original, muitas vezes aspirando à educação dos pequenos. Além disso, essas narrativas apresentavam uma estrutura muito semelhante.

No entanto, essa não é, como já foi dito anteriormente, a única definição que temos. O conto pode ainda ser entendido como uma criação individual, com características marcantes do autor, não mais com o objetivo de reunir pessoas e passar o tempo, além de trazer ensinamento às crianças, mas com finalidades que partem de fato do individual, ou melhor, do

escritor, aproximando o texto do universo literário. Temos, desse modo, as seguintes acepções:

“O conto como forma simples, expressão do maravilhoso, linguagem que fala de prodígios fantásticos, oralmente transmitido de gerações a gerações e o conto adquirindo uma formulação artística, literária, escorregando do domínio coletivo da linguagem para o universo do estilo individual de um certo escritor” (REIS, 1984. p. 10).

Reis nos oferece ainda outra definição, talvez mais clara do que a anterior, quando afirma: “Em língua portuguesa o termo “conto” serve para designar a forma popular, folclórica, criação coletiva da linguagem e daí a não-propriedade de um único criador, e, ao mesmo tempo, a forma artística, atributo exclusivo de um estilo peculiar, individual” (REIS, 1984. p. 10-11).

Apesar da mesma nomenclatura para designar os dois tipos de textos, se é que de fato trata-se de textos distintos, não se sabe ao certo se o conto literário provém das antigas narrativas orais, sem tanto rebuscamento formal. Essa dúvida ainda decorre do objetivo de cada um, tendo em vista que as antigas narrativas apresentavam quase uma finalidade lúdica, enquanto o outro, considerado literário, possui finalidades voltadas ao narrador: ele produz, com suas características e suas ambições pessoais. Se o conto como manifestação literária nasceu das antigas narrativas, certamente passou por muitas transformações e apresenta traços bastante característicos.

Não há traços universais para os contos como manifestação literária, uma vez que suas características serão condizentes com o autor, gerando marcas muito individuais. Para Mário de Andrade, será conto tudo aquilo que seu autor considera conto. Ou seja, tanto para os leitores quanto para os críticos torna-se árdua a tarefa de identificá-los, uma vez que serão modificados de acordo com a vontade de quem o produziu. Ainda segundo Reis (1984):

O conto como experiência literária [...] é um gênero bastante controvertido. Exatamente porque é criação de um único indivíduo, inscrevendo-se entre realizações artísticas, o conto, tal como o romance e a poesia modernos, é uma forma igualmente aberta a experimentalismos e inovações, ganhando sempre como arte e esgueirando-se, cada vez mais, de concepções fechadas, normativas e estanques (REIS, 1984. p. 17-18).

Embora não exista uma fórmula e uma forma prontas para o conto literário, há alguns traços que em geral são comuns a todos eles, quanto à sua estrutura. Essas características dizem mais respeito ao seu objetivo de ser conciso. Embora pareça simplória e uma visão

reducionista chamá-lo de conto apenas pela sua extensão, não é bem o que ocorre. Refere-se mais à sua finalidade de trazer de forma breve e concisa a densidade de seu conteúdo.

Outro fato que desperta a nossa atenção são os possíveis temas para se escrever um conto, tendo em vista os seus fatores brevidade, concisão e densidade. Reis (1984) nos afirma que:

Um conto parece ser, a partir de um fragmento da realidade, a partir de um episódio fugaz, a partir de um dado extraordinário mas muitas vezes despercebido do real, a partir de um fato qualquer e, por que não?, a partir de fato nenhum, a construção de um sentido que produza no leitor algo como uma explosão, levando as comportas mentais a expandirem-se, projetando a sensibilidade e a inteligência a dimensões que ultrapassem infinitamente o espaço e o tempo da leitura. E este efeito tanto pode resultar da natureza insólita do que foi contado, tanto pode resultar da feição surpreendente do episódio, como pode resultar do modo como se contou, do aspecto absolutamente inédito que a genialidade do autor pode ter denunciado no “já visto” (REIS, 1984, p. 24).

Sendo assim, qualquer assunto, baseado ou não na realidade, poderia se tornar assunto de um conto, isso decorreria mais da inventividade do autor.

1.2. Breve associação entre literatura e sociedade

Antes de iniciarmos nossa aproximação entre literatura e sociedade, vale fazer um breve percurso através do momento literário conhecido como Realismo. Trata-se de um movimento artístico-literário que surgiu no século XIX com o intuito de romper com tudo o que estava sendo disseminado pela poesia romântica: mulher idealizada, relacionamentos amorosos perfeitos, lugares bonitos e sem problemas. Com o intuito de acabar com todo esse idealismo, este período literário trouxe o cotidiano para a literatura, através dos casamentos por interesse, das traições, vinganças, falsidades. Devemos salientar que durante a prosa romântica já percebemos algumas manifestações desse tipo de denúncia, porém apenas durante o Realismo foi que surgiu de fato essa característica: a da denúncia social.

Nosso *corpus* foi selecionado com vistas a buscar esclarecer os possíveis resultados de uma traição, não apenas com o intuito de mostrar como se sente uma pessoa traída, mas principalmente para expor as influências da sociedade na vida dos indivíduos, uma vez que as pessoas não conseguem se desvencilhar das determinações sociais. Segundo Bosi (2007),

[...] a vida em sociedade, segunda natureza do indivíduo, na medida em que exige máscaras, vira também irreversivelmente máscara universal. A sua lei, não podendo ser a da verdade subjetiva recalcada, será a da máscara comum exposta e

generalizada. O triunfo do signo público. Dá-se a coroa à forma convencionada, cobrem-se de louros as cabeças bem penteadas pela moda. Todas as vibrações interiores calam-se, degradam-se à veledade ou rearmonizam-se para entrar em acorde com a convenção soberana. Fora dessa adequação só há tolice, imprudência ou loucura (BOSI, 2007, p. 86).

Com isso, podemos pressupor que a pessoa traída não apenas está magoada com o ser que cometeu o ato, mas está preocupada com o que pede a sociedade, que tudo funcione dentro de uma “normalidade” determinada para todos, que deixa sobremaneira os impulsos sexuais retidos em uma alcova. O que de fato importa para a sociedade é a aparência, vale o *status* adquirido para pertencer às convenções determinadas. Atrações por uma pessoa diferente do cônjuge, que resultariam em uma traição, uma vez que foge completamente a tais determinações, deveriam ser sublimadas ou, na impossibilidade de ocorrer essa sublimação, o mais que poderia ocorrer seriam encontros às escondidas, jamais permitindo a percepção e o conhecimento dos outros.

A sociedade, assim, exige que cada indivíduo se adeque a um padrão por ela imposto, as máscaras devem servir a todos, isto é, as pessoas não deveriam cometer atos infracionais correndo o risco de perder o que conquistaram com dificuldade: o seu relacionamento amoroso e o patrimônio advindo dessa união. Colocar em risco essa conquista se constitui como um ato impensado, com graves resultados para esse indivíduo que deveria se adaptar aos moldes por ela impostos.

Separar ambas as instâncias (o amor e a consideração pública) é sempre uma operação ingrata, mas em caso de perigo a consideração pública, a alma exterior, terá a primazia. Daí o adultério a meias, jamais inteiramente assumido, aparecer como a saída recorrente. Confessá-lo seria perder tudo quanto já se obteve, não raro com muito engenho e arte: o matrimônio e o patrimônio (BOSI, 2007, p. 26).

Com isso, conforme já mencionado, em caso de impossibilidade de sublimar os impulsos que resultariam em uma traição, o mais adequado a fazer seria buscar uma forma de esconder esses encontros, de ser um relacionamento jamais aparente, pois mais valem as máscaras da sociedade e a convenção por ela imposta do que os impulsos sexuais, os quais muitas vezes são considerados menos relevantes e passageiros.

Dessa maneira, percebemos nesse momento a literatura como um espelho do que impunha a sociedade, que apenas o convencional fosse explícito, que tudo o que se distanciasse dos seus padrões fosse relegado a segundo plano. Para compreendermos por que esses impulsos nem sempre podem ser abandonados, faremos posteriormente um esboço sobre a concepção de erotismo e os impulsos sexuais dele decorrentes. Neste momento,

entretanto, buscaremos analisar brevemente a obra de Machado de Assis e a forma como são explorados seus personagens.

1.3. Machado de Assis e a análise psicológica de seus personagens

Desde a prosa romântica pudemos observar algumas histórias que transgrediam o caráter do relacionamento ideal: passaram a ser apresentados casamentos por interesse, falhas de caráter, traição, dentre outras questões que foram aprofundadas durante o Realismo.

Machado de Assis foi um escritor que participou desses dois momentos, e o que se pode observar na sua prosa realista é uma perfeita análise psicológica de personagens que ficaram conhecidos mundialmente. A descrição, as ações e os sentimentos de seus personagens ocorriam de tal maneira que tudo o que as máscaras sociais intentavam esconder foram revelados e relacionados ao nosso cotidiano.

Segundo Bosi (2007), “Literatura é espelho. O signo é transparente. Os olhos do romancista refletem os objetos da sua observação” (BOSI, 2007, p. 14).

Compreendemos através de Bosi que todo o conteúdo apresentado na obra de Machado de Assis era exatamente o que ocorria na sociedade; entretanto, era o que a sociedade mais se prestava a esconder. Isso porque Machado não buscava escamotear os sentimentos mais vis e cruéis das pessoas. Antes intencionava o contrário: analisar como as pessoas conseguem ser dissimuladas, cruéis e agem sempre de modo a serem beneficiadas, independente do mal que isso resultará para os demais. De acordo com Simon (2009): “Machado transita entre o ser e o fazer. Aquilo que um homem faz é que o revela de alguma forma, ensina o magistral contista e romancista. Esta é uma das entradas para o intrincado labirinto da realidade” (SIMON, 2009, p. 27).

Percebemos que a obra machadiana analisa não apenas os sentimentos mais profundos como também os mais negativos das pessoas, o que outros autores também buscaram fazer, porém talvez não com tanta genialidade; no entanto, o que nos chama a atenção é que, além de analisar psicologicamente o indivíduo, Machado realizou esse intento não se prendendo a uma sociedade e a um momento específico, mas de forma universal, explicitando que mais importante que o instinto é a convenção da sociedade. Vale mostrar o engano, a aparência, para se adequar aos padrões sociais. “À medida que cresce em Machado a suspeita de que o engano é necessidade, de que a aparência funciona universalmente como essência, não só na vida pública mas no segredo da alma, a sua narração se vê impelida a assumir uma

perspectiva mais distanciada e, ao mesmo tempo, mas problemática, mais amante do contraste” (BOSI, 2007, p. 84).

Nesse ínterim, seus textos se dispuseram a analisar minuciosamente o que ocorria na sociedade, porém sem se tratar apenas de um retrato fiel desta, mas de modo a analisar o interior dos personagens, principalmente no que diz respeito à relação entre as atitudes transgressoras e a máscara social e suas instituições. Ainda para Bosi (2007), “[...] não há outro modo de sobreviver no cotidiano senão agarrando-se firme às instituições; estas, e só estas, asseguram ao frágil indivíduo o pleno direito à vida material e, daí, ao doce lazer que lhe permitirá até mesmo balançar-se naquelas cabriolas e fantasias” (BOSI, 2007, p. 84-5).

Observa-se nitidamente em seus escritos que as instituições – falidas –, em especial o casamento, devem ser mantidas simplesmente devido às exigências da sociedade. Quando um dos parceiros transgredir essa regra, expondo o outro, isso implica em atitudes extremas com o objetivo de limpar essa honra que foi maculada. Portanto, em se tratando especificamente do conto em estudo, foi preciso assassinar os transgressores para que a sua honra fosse limpa.

1.4. A introspecção em Clarice Lispector

Compreendemos que o Realismo já caracterizou-se como um aprofundamento da fase mais verossimilhante do Romantismo, trazendo à tona algumas questões que antes eram escondidas. Alguns outros períodos literários, como o Naturalismo e o Modernismo, optaram por dar continuidade à essa amostragem da realidade, contudo com algumas mudanças quanto à abordagem e especialmente quanto à linguagem utilizada. Principalmente a partir do Modernismo, buscou-se mostrar ainda mais fidedignamente à realidade circundante, de forma mais aguda e mais rude.

Houve, sobretudo, uma ruptura com certa psicologia convencional que mascarava a relação do ficcionista com o mundo e com seu próprio eu. O Modernismo e, num plano histórico mais geral, os abalos que sofreu a vida brasileira em torno de 1930 [...] condicionaram novos estilos ficcionais marcados pela rudeza, pela captação direta dos fatos, enfim por uma retomada do naturalismo, bastante funcional no plano da narração-documento que então prevaleceria (BOSI, 1994, p. 389).

Desse modo, continuou-se objetivando pela captação do real, entretanto por meio de uma nova abordagem, mais voltada à percepção crítica das relações sociais, contrapondo-se à visão realista, mais voltada ao científico e impessoal.

Clarice Lispector foi talvez a escritora que mais penetrou na intimidade de seus personagens e, por que não dizer, na alma humana. Digna de uma linguagem simples e precisa, parecia buscar aproximar-se da realidade de cada um, de seus dramas e medos.

Bosi, em *História Concisa da Literatura Brasileira*, afirma que

Há na gênese de seus contos e romances tal exacerbação do momento interior que, a certa altura do seu itinerário, a própria subjetividade entra em crise. O espírito, perdido no labirinto da memória e da autoanálise, reclama um novo equilíbrio. *Que se fará pela recuperação do objeto*. Não mais na esfera convencional de algo-que-existe-para-o-eu (nível psicológico), mas na esfera da sua própria e irredutível realidade. O sujeito só “se salva” aceitando o objeto como tal; como a alma que, para todas as religiões, deve reconhecer a existência de um Ser que a transcende para beber nas fontes da sua própria existência. Trata-se de um salto do psicológico para o metafísico, salto plenamente amadurecido na consciência da narradora (BOSI, 1994, p. 424) (Grifos do autor).

Sendo assim, suas personagens são exploradas de modo bastante intimista, há uma peculiaridade na forma de mostrar sua vivência, a qual advém da profunda sensibilidade demonstrada pela autora. Simon (2009), em sua tese de doutorado em que também faz uma comparação entre Machado de Assis e Clarice Lispector, menciona a questão do poder de Clarice de perceber além do óbvio, de possibilitar esse intimismo. “A aguda sensibilidade de Clarice [...] busca o que está escamoteado, ilumina os secretos caminhos dos labirintos da realidade” (SIMON, 2009, p. 11) .

Além de tentar perceber o ponto de encontro entre os dois escritores aqui analisados, a tese trata ainda da estreita relação entre a ficção e a realidade, entre literatura e sociedade, citando Cândido quando afirma que “A arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção de mundo, ou reforçando nele o sentimento dos valores sociais” (CÂNDIDO, 2000, p. 19).

Novamente nos deparamos com o fato de que há possíveis entrecruzamentos nessa relação entre o real e o fictício, sendo que a sociedade acaba por influenciar a obra, já que esta última não pode estar tão distante da primeira; e a literatura também chega a causar influência no meio, tendo em vista que a ficção tem um poder de alcance muito grande.

Tendo em vista o caráter intimista aparente na obra clariceana, compreendemos que sua abordagem vai muito além de uma representação do real. Conforme Simon (2009), “Para a escritora, essa denúncia (social) não poderia ser do óbvio, do que está evidente na realidade, mas do que se escondia sob a aparência até mesmo das bandeiras libertadoras da esquerda política e, logicamente, da realidade. Para Clarice, não era possível desvincular forma e

conteúdo. Por essa razão, o conteúdo humano nos dá, ao revés, desenhos sociais” (SIMON, 2009, p. 17).

1.5. Aspectos relacionados à contemporaneidade

A pós-modernidade ou modernidade tardia é um período de profundas transformações culturais e sociais, tudo é visto por um ponto de fluidez, objetos, sentimentos e até mesmo personalidades parecem desmanchar-se no ar. Tudo tende a acontecer rápido demais, e demasiadamente rápido perdem seu valor (HALL, 2006).

Dentre outros veículos, a literatura é um meio propício para a reflexão e a discussão destas transformações e de outros problemas ligados à existência, uma vez que é realizada a partir de experiências pessoais e/ ou coletivas inseridas em um dado contexto histórico. Não dizemos, com isso, que a literatura serve apenas como registro ou documento da história, mas, por ter com ela bastantes ligações, acaba nos oferecendo uma gama de possibilidades de estudos profundos de uma sociedade.

Tendo em vista que a sociedade que compõe essa modernidade tardia caracteriza-se pela mudança rápida, a mesma permite que as concepções sejam transformadas e adaptadas de acordo com suas necessidades. Assim sendo, o que um dia foi percebido como inaceitável ou imoral, com as transformações de pontos de vista pode muito bem passar a ser algo moralmente aceitável. Para Freadman e Miller (1994), isso seria o resultado de um relativismo cultural. “[...] o relativismo cultural implica a visão de que a sociedade nunca pode estar errada, e que o indivíduo – a menos que ele/ela se adapte – nunca pode estar certo” (FREADMAN e MILLER, 1994, p. 88). Desse modo, os indivíduos necessitam se adaptar aos padrões impostos pela sociedade, e os valores também são passíveis de mudança de acordo com a sociedade de que é proveniente. “[...] o valor moral depende inteiramente das crenças, práticas, e assim por diante, de algum grupo específico” (FREADMAN e MILLER, 1994, p. 88).

Em contrapartida, não seria prudente para a literatura adotar esse pensamento, uma vez que os livros circulam por muitos lugares, passam por sociedades cujas concepções diferem bastante, logo, o que é considerado aceitável para uma sociedade pode não ser o ideal para outra. Assim, os conceitos de moral e ética deveriam ser percebidos pela amplitude de pensamentos. Paul de Man (apud Freadman e Miller, 1994), afirma que “as alegorias são

sempre éticas, o termo ético designando a interferência estrutural de dois sistemas de valores diferentes. Nesse [amplo] sentido, a ética não tem nada a ver com a vontade (frustrada ou livre) de um sujeito, nem *a fortiori* com um relacionamento entre sujeitos. A categoria ética é imperativa (i.e., uma categoria e não um valor) na medida em que é linguística e não subjetiva” (De Man, apud FREADMAN e MILLER, 1994, p. 89, grifos do autor).

A partir do mencionado, percebemos a ética relacionada à linguagem, e não ao indivíduo, o que faz pressupor finais trágicos para os sujeitos que burlaram uma ética através da literatura, tendo em vista que os personagens transgressores tiveram sua vida ceifada pelos que se sentiram prejudicados pela traição sofrida, servindo como uma espécie de contas prestadas à sociedade por meio de vingança.

Embora o nosso *corpus* pertença a períodos históricos e literários bem diferentes, apesar de compreendermos que o Realismo já trouxe para a literatura a realidade circundante, abrindo os nossos olhos para o que estava bem adiante, porém era substituído pela fantasia e pela idealização, sabemos que, por mais que a sociedade se considere moderna e aberta a novos pensamentos, continua a condenar atitudes que culminariam em uma traição, julgando ser correto o trágico final em cada um dos contos estudados.

2. Teoria da comparação e percepções acerca da traição

Por se tratar de um estudo comparativo entre dois contos de autorias distintas, inicialmente abordaremos o conceito de literatura comparada, traçando brevemente o seu contexto histórico, bem como as peculiaridades das principais escolas.

Posteriormente, tendo em vista que o nosso estudo se propõe a analisar a questão da traição e como as pessoas lidam com isso em diferentes momentos históricos, faremos um esboço acerca do tema e como a percepção acerca dele tem sido modificada ao longo do tempo.

2.1. A literatura comparada: conceito e história

Utilizar a expressão “literatura comparada” não necessariamente geraria ambiguidade por ser utilizada no singular, uma vez que é pré-requisito para uma comparação que exista mais de um elemento. Carvalhal (2004) assim a define: “Usada no singular mas geralmente

compreendida no plural, ela designa uma forma de investigação literária que confronta duas ou mais literaturas” (CARVALHAL, 2004, p. 02).

Ao longo do tempo, foi-se modificando e ampliando a compreensão do que de fato seria esse tipo de estudo. Mesmo assim, interessa-nos saber que se busca nessa análise comparativa um ponto a se comparar, entre temas, mitos e motivos; lembrando que essa comparação não se restringe à aproximação, mas também consiste na percepção de pontos díspares. Além dos sinais de influências entre os autores.

É exigência desse tipo de investigação o confronto, a percepção de pontos confluentes e divergentes. Apesar disso, a definição de literatura comparada passou por algumas transformações e adaptações desde sua origem, consolidada na França, enfrentando ao longo de suas modificações alguns problemas de interpretação ou variadas possibilidades de compreensão. Segundo Carvalhal (2004):

Se remontarmos aos estudos considerados clássicos neste campo e as propostas como a que está expressa no primeiro número da *Revue de Littérature Comparée*, criada em 1921 por Ferdinand Baldensperger e Paul Hazard, veremos que, na época, os estudos comparados seguiam duas orientações básicas e complementares. A primeira era a de que a validade das comparações literárias dependia da existência de um contato real e comprovado entre autores e obras ou entre autores e países. [...] A segunda orientação determinava a definitiva vinculação dos estudos literários comparados com a perspectiva histórica (CARVALHAL, 2004, p. 07).

A mencionada perspectiva histórica, muito difundida pelos precursores franceses, caracterizado como um comparativismo clássico, e a sua falta de abertura a alterações e “modernizações” passou a ser questionada por René Wellek, o qual se opunha ao historicismo dominante nos estudos comparados franceses, que determinavam também que os escritores, para que pudessem influenciar ou sofrer influência deveriam apresentar línguas nativas diferentes. Houve, com isso, a cisão entre a escola francesa e a norte-americana. Vale salientar que a denominação “escolas” adveio exatamente dessa ruptura de pensamento e criação de uma nova perspectiva comparativa (CARVALHAL, 2004).

A escola norte-americana, por sua vez, foi caracterizada pela abertura e maior aceitação das novas formas de se fazer estudo comparativo, abandonando o aspecto meramente histórico e partindo para uma efetiva crítica textual. Trouxe ainda outra novidade: “Além de privilegiar a análise do texto literário em detrimento das relações entre autores e obras, os comparativistas norte-americanos aceitam os estudos comparados dentro das fronteiras de uma única literatura, atuação recusada pela doutrina clássica francesa”, isto é,

passou a ser permitida a comparação entre literaturas provenientes de uma mesma língua, o que não era aceito pelo comparativismo clássico francês.

Essas mudanças acarretaram em um leque de possibilidades para novos estudos comparativos, não mais restritos ao campo histórico e à exigência de que os autores ou obras comparadas possuam línguas nativas diversas. Permitindo, com isso, que se observassem pontos convergentes e divergentes em autores de uma mesma língua e a influência mútua, normalmente se compreendendo que o autor considerado “maior” influenciaria o autor “menor” ou menos renomado.

2.2. Breve percurso sobre a história da traição

Tendo em vista que nas mais diversas sociedades o sentimento gerado pela traição na maioria das vezes leva à vingança, nos propomos a analisar as mudanças decorrentes nesses conceitos de acordo com o período e a sociedade, tendo em vista que ora foram muito aceitos e inclusive considerados “normais”, ora foram considerados pecado ou, diríamos até, crime, uma vez que os traidores – na verdade, traidoras – eram condenados à morte ou à mutilação de algum de seus membros como castigo pelo erro cometido.

Antes de percorrermos historicamente essas variadas concepções, faz-se necessário tomarmos os termos traição, infidelidade e adultério com o objetivo de diferenciá-los, pois alguns não são sinônimos entre si.

De acordo com o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), temos como definição para traição a “infidelidade no amor”. Por sua vez, o termo infidelidade adquire mais precisamente o sentido de “falta de respeito, de fidelidade àquilo com que se deveria estar comprometido”. Além de ser tido como a “manutenção de ligações amorosas com outra pessoa diferente daquela com que se está comprometido”. Por fim, o termo adultério é mais associado ao campo jurídico, sendo definido como “violação, transgressão da regra de fidelidade conjugal imposta aos cônjuges pelo contrato matrimonial, cujo princípio consiste em não se manter relações carnavais com outrem fora do casamento”.

Fisher (1995), em sua obra *Anatomia do amor: a história natural da monogamia, do adultério e do divórcio*, afirma que os costumes culturais influenciam a definição que se tem do adultério e da atitude de determinada pessoa diante dele.

O autor menciona ainda que entre 5/6 a.C. e a destruição de Jerusalém pelos romanos em 70 d.C., os costumes sexuais judaicos passaram a ser relacionados às leis de Deus,

adquirindo cada vez mais a noção de pecado, pois até então poucas das práticas eram consideradas imorais.

Com o advento do Cristianismo, o sexo dentro do casamento passou a ser considerado sagrado e as práticas adúlteras para ambos os casos eram condenadas, em especial pelo fato de serem diretamente relacionadas ao pecado. Passou-se a valorizar mais a virgindade e a poligamia foi abolida. As relações sexuais eram vistas como sagradas, mas permitidas apenas com o intuito de procriar.

No século XVI, por sua vez, devido ao fato de os casamentos serem arranjados de acordo com interesses familiares, essas percepções foram reconsideradas e, embora o adultério e a prostituição fossem inevitáveis, as punições pelas relações fora do casamento ficaram cada vez mais severas.

O patriarcalismo surgiu juntamente com o amor romântico, devido às novas influências que afetaram as mulheres a partir do século XVIII: a criação do lar, a mudança nas relações entre pais e filhos e a invenção da maternidade (GIDDENS, 1993). Antes disso não se falava em amor ligado ao casamento.

O poder patriarcal, entretanto, começou a declinar no final do século XIX. Giddens (1993) coloca que durante todo esse século a formação dos laços matrimoniais baseava-se em outras considerações além dos julgamentos de valor econômico. Ideias de amor romântico, exercendo sua influência sobre os burgueses, foram muito difundidas pela ordem social (GIDDENS, 1993, p. 36).

De acordo com Socci (1983), desde o século XX, na Revolução Industrial, surge a ideia de que, como o amor nem sempre dura a vida inteira, é direito de cada um procurar um novo amor, isto é, torna-se direito de cada parceiro ter outros casos amorosos.

Já nos anos sessenta e setenta duravam mais os relacionamentos que permitissem a autonomia para cada parceiro. Acaba-se de vez com a noção de patriarcalismo e surge a ideia de um relacionamento mais igualitário.

Apesar disso, em muitas sociedades, inclusive na atualidade, nos deparamos com um padrão de dupla moral, que condena apenas a traição da mulher, mas que considera absolutamente aceitável a manutenção de relações extraconjugais pelos homens. Esse quadro, entretanto, muda bastante nos dias atuais, pois, de acordo com Giddens (1993), a proporção de mulheres casadas há mais de cinco anos que têm encontros sexuais extraconjugais é a mesma de homens que se encontram na mesma situação.

Percebemos que são diferentes os posicionamentos sobre esse tema nas várias sociedades e em períodos distintos. No entanto, é quase unanimidade que se trata de uma ação

que deve ocorrer de forma secreta, tendo em vista a preservação das famílias envolvidas. Logo em muitos casos a traição gera um desconforto tamanho que muitas vezes a própria sociedade toma providências no campo da vingança. Sobre essas possíveis consequências que discorreremos a partir deste momento através da análise dos contos.

3. Análise

3.1. Sobre o erotismo e seus impulsos

Antes de adentrarmos nos textos que nos servem como *corpus*, buscaremos explicar rapidamente quais os possíveis impulsos que nos tornam seres eróticos e sempre em busca de outros seres que nos tragam uma certa completude.

Percorrendo brevemente a história da sexualidade, compreendemos que esta até o século XVII era considerada algo familiar, caracterizada pelos “gestos diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis [...]” (FOUCAULT, 1988, p. 09). Entretanto, este mesmo século foi considerado o ápice da repressão sexual, a qual estava diretamente relacionada ao capitalismo, intencionando ao aumento da produção. Desse modo, as energias sexuais deveriam ser sublimadas, transformando-se em energia para o trabalho e aumento da circulação de capital. A sexualidade, então, passou a ser praticada na alcova, e a forma adequada para a sociedade era aquela diretamente associada à reprodução. Logo, o parâmetro estabelecido era o de um casal e sua prole (FOUCAULT, 1988).

A partir dessa repressão, tudo o que estava relacionado à manifestação dos impulsos sexuais era considerado uma forma de transgressão. Para Foucault (1988),

Falar contra os poderes, dizer a verdade e prometer o gozo; vincular a iluminação, a liberação e a multiplicação de volúpias; empregar um discurso onde confluem o ardor do saber, a vontade de mudar a lei e o esperado jardim das delícias – eis o que sustenta em nós a obstinação em falar de sexo em termos de repressão [...] (FOUCAULT, 1988, p. 12-13).

Com isso, compreendemos que o poder que circula na sociedade é repressivo, contendo as energias inúteis, aquelas que distanciaríamos o indivíduo de sua produtividade e de sua função social. No entanto, o erotismo nem sempre é condizente com os padrões estipulados pela sociedade, uma vez que se trata da busca incessante por uma completude primeira perdida. Bataille (2004), afirma que somos seres descontínuos, sempre em busca dessa continuidade perdida. Dessa maneira, embora a alma exterior (a consideração pública) esteja em jogo, seria muito difícil conter os impulsos que nos empurram para a procura dessa continuidade. No erotismo, “o que está sempre em questão é a substituição do isolamento do ser, a substituição de sua descontinuidade, por um sentimento de continuidade profunda”

(BATAILLE, 2004, p. 26). Então, o indivíduo se depararia com uma disputa acirrada entre os seus mais íntimos desejos e as determinações sociais.

3.2. Uma abordagem do conto *A cartomante*, de Machado de Assis

Comparar não é uma tarefa fácil, em especial quando se trata de dois grandes e renomados autores como Machado de Assis e Clarice Lispector, portanto buscaremos sempre aproximar os dois textos o mais que possível, a fim de perceber pontos convergentes e divergentes entre eles.

Ao iniciarmos a leitura do conto *A cartomante*, publicado inicialmente no ano de 1896, percebemos a sutileza com que Machado introduz a questão da traição e a inocência com que Rita conta a Camilo sobre a sua visita à cartomante, o qual ri-se da amada por não compartilhar do mesmo credo. Posteriormente é mencionado o nome de Vilela, pondo em dúvida o leitor, uma vez que até o presente momento não se sabe ao certo o envolvimento entre os três nomes, pois Machado apenas coloca: “Camilo pegou-lhe nas mãos, e olhou para ela sério e fixo. Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de criança; em todo o caso, quando tivesse algum receio, a melhor cartomante era ele mesmo. Depois, repreendeu-a; disse-lhe que era imprudente andar por essas casas. Vilela podia sabê-lo, e depois...” (MACHADO DE ASSIS, 1994).

Após esse encontro, os dois se separam cautelosamente e o autor de fato introduz a explicação das origens desse romance clandestino e do triângulo amoroso, mencionando características e posição social de cada um. Vilela, pelos seus dotes, já apareceria como um marido ideal: trabalhador, magistrado, porém abandonou a magistratura para trabalhar como advogado. Era um ano mais jovem que sua esposa, porém parecia mais velho pelo seu porte grave. Casou-se com uma dama bela e tonta – Rita – características tipicamente femininas no século XIX, que traziam a mulher como um ser sem grandes dotes intelectuais. Camilo, por sua vez, amante de Rita e amigo de infância de Vilela, não desempenhava nenhuma profissão até que a mãe lhe conseguiu um emprego público. Trata-se do personagem mais jovem desta história, além de ser apresentado como “um ingênuo na vida moral e prática”.

Além de abordar o caso extraconjugal entre Camilo e Rita, o conto ainda traz a falsidade do amigo Camilo para com Vilela, pois “eram amigos de infância”. Ao encontrarem-se quando o casal volta à cidade de origem, momento em que Camilo vai recebê-

los a bordo, o escritor criticamente coloca que “Camilo e Vilela olharam-se com ternura. Eram amigos deveras” (MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 478). Desse modo, além de enfatizar a traição entre os amigos, mostra-se a fraqueza dos apaixonados, que se deixaram levar pelo delírio de um relacionamento às escondidas.

Rita, embora tivesse sido apresentada como uma “dama bela e tonta”, aproveitou-se da morte da mãe de Camilo para cuidar-lhe do coração. Tanto cuidado gerou uma intimidade cada vez maior, com programas a dois e gostos em comum. O rapaz ainda tentou fugir, mas ela

como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca. Ele ficou atordoado e subjugado. Vexame, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura; mas a batalha foi curta e a vitória delirante. Adeus, escrúpulos! Não tardou que o sapato se acomodasse ao pé, e aí foram ambos, estrada fora, braços dados, pisando folgadoamente por cima de ervas e pedregulhos, sem padecer nada mais que algumas saudades, quando estavam ausentes um do outro (MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 479).

Desse modo, evidencia-se o quanto o remorso que os dois sentiram foi pequeno e passageiro, a ponto de manterem o caso amoroso clandestino bem próximo ao amigo / marido enganado. Mesmo assim, “a confiança e a estima de Vilela continuavam a ser as mesmas”.

Assim mantiveram os encontros, até que um dia Camilo recebe uma carta anônima afirmando ser o caso sabido de todos, que o leva a rerear as visitas até cessá-las inteiramente. Vilela sente a ausência e questiona o amigo, que afirma ser devido a uma paixão de rapaz. Contudo as cartas não cessam, levando Camilo a temer que o anônimo levasse as informações ao amigo.

A mudança de comportamento de Vilela, que rapidamente tornou-se sombrio, fez com que os amantes ficassem ainda mais temerosos e afastassem-se por algumas semanas, o que fizeram em lágrimas. Entretanto, Rita procurava em casa cartas que contivessem a mesma letra presente nas que chegavam a Camilo, o que foi em vão.

Através de um bilhete de Vilela enviado a Camilo enquanto estava na repartição, convidando-o sem demora à sua casa, este último passou a recear cada vez mais que seu romance secreto fosse sabido pelo amigo. Ao parar o tálburi que pegara para esse fim por conta de um obstáculo, este passou a acreditar no inexplicável de tantas coisas, uma vez que o acidente que interrompia a passagem fez com que o seu transporte parasse bem em frente à casa da cartomante com quem anteriormente Rita se consultara. Após momentos de aflição e

dúvida, Camilo entra na casa e surpreende-se pelo fato de que a velha senhora adivinhara o motivo de sua consulta, quando no texto diz-se: “Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo. Não obstante, era indispensável muita cautela; ferviam invejas e despeitos. Falou-lhe do amor que os ligava, da beleza de Rita... Camilo estava deslumbrado” (MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 482).

Neste momento o rapaz segue em direção à casa do amigo confiante no que diziam as cartas, sabendo que se a senhora havia descoberto o motivo de sua visita, também acertaria que nada de ruim atingiria os amantes. Contudo, ao chegar ao local, depara-se com seu amigo com feições decompostas, sem pronunciar uma só palavra, apenas acenando para que entrasse e conduzindo-o para uma saleta interior.

Ao adentrar na saleta, eis que surge a surpresa para o amigo traidor e para o próprio leitor, o qual dificilmente suspeitará do desfecho, tendo em vista a condução dada à narrativa: “Entrando, Camilo não pôde sufocar um grito de terror: – ao fundo sobre o canapé, estava Rita morta e ensanguentada. Vilela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão” (MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 483).

Através desse desfecho podemos compreender o quanto são ruins os sentimentos gerados por uma traição, pois, sendo duplamente traído – pela esposa e pelo amigo – Vilela sente-se na obrigação de eliminar tudo o que lhe trará vergonha e tristeza. Por tratar-se de um conto escrito no século XIX, em que a traição era considerada comum para homens, desde que mantida em segredo, aceitar uma esposa traidora ia de encontro a todos os preceitos da sociedade, considerada extremamente machista.

3.3. Um olhar sobre o conto *O corpo*, de Clarice Lispector

Embora tenha sido escrito quase um século depois que o primeiro conto analisado, *O corpo*, publicado inicialmente em 1974, aborda, embora sob um viés bastante diferenciado, também as temáticas da traição e da vingança.

Diferente da forma sutil como é introduzida a questão do triângulo amoroso em Machado de Assis, já no primeiro parágrafo Clarice traz o tema da bigamia. Neste caso, no

entanto, menciona-se claramente que Xavier vive com as duas mulheres: Carmem e Beatriz. As duas aceitam de forma natural o relacionamento e o fato de que a cada noite o homem vai para a cama com uma diferente, enquanto a outra assiste. Revezam-se no sexo e na hora de cozinhar, fazendo de Xavier, homem truculento e sanguíneo, além de muito forte, sempre muito bajulado.

Não se contentando com as suas duas mulheres, saía às vezes com prostitutas – uma delas, no entanto, era a sua preferida –, mantendo o caso com a terceira mulher em segredo. Como não desconfiavam pela discricção do companheiro, certo dia ficaram desesperadas devido à sua demora, mas o atraso foi despistado por uma longa conversa com as duas e com um convite para uma viagem a Montevideú.

Como o homem trabalhava muito para manter os três, as duas mulheres, às vezes, mesmo não sendo homossexuais, excitavam-se e faziam sexo, o que despertou o desejo de Xavier e ele quis que elas se amassem na frente dele, o que não aconteceu, devido ao fato de ter sido um amor solicitado, deixando-o bravo e em silêncio durante vários dias.

Apesar de aceitarem a bigamia do homem sempre disposto ao sexo, a situação mudou quando Xavier chegou a casa com marca de batom na camisa. A autora assim nos narra o acontecimento:

Um dia Xavier veio do trabalho com marcas de batom na camisa. Não pôde negar que estivera com a sua prostituta preferida. Carmem e Beatriz pegaram cada uma um pedaço de pau e correram pela casa toda atrás de Xavier. Este corria feito um desesperado, gritando: perdão! perdão! perdão! As duas, também cansadas, afinal deixaram de persegui-lo. Às três horas da manhã Xavier teve vontade de ter mulher. Chamou Beatriz porque ela era menos rancorosa. Beatriz, mole e cansada, prestou-se aos desejos do homem que parecia um super-homem (LISPECTOR, 1998).

Neste momento percebemos o caráter de comédia e ironia com que Clarice trata do adultério cometido por Xavier, que, além de já levar uma vida bígama, mantém ainda relações com prostitutas, tendo uma como sua predileta. Diferente do que vimos no primeiro conto em estudo, uma vez que Vilela, ao saber da traição, mostrou-se em feições desfiguradas e ficou cada vez mais sério, levando de imediato sua raiva ao extremo, através da morte dos amantes. Beatriz, neste caso, não ficou feliz com a traição, contudo aceitou manter relações sexuais mesmo assim.

O desejo de vingança das duas mulheres começou a surgir aos poucos, que passaram a cozinhar apenas para elas, a sair sozinhas, a fazer amor na frente dele, o que o deixou com ciúmes. Tornaram-se cada vez mais amigas, desprezando Xavier. Até que, certa noite, tiveram a ideia de assassinar o traidor, como sendo obra do destino, ou melhor, como se fosse um mandado de Deus. Carmem, que liderava a operação, sugeriu que as duas se armassem com os dois facões amolados que estavam na cozinha e se dirigissem para o quarto. “Foram armadas. O quarto estava escuro. Elas faquearam erradamente, apunhalando o cobertor. Era noite fria. Então conseguiram distinguir o corpo adormecido de Xavier. O rico sangue de Xavier escorria pela cama, pelo chão, um desperdício” (LISPECTOR, 1998).

Após o assassinato as duas, pela necessidade de livrarem-se do corpo, resolveram transportá-lo até o jardim, onde enterraram-no e cobriram-lhe com flores, ficando a cova enfeitada por belas rosas vermelhas.

Tudo estaria resolvido e encoberto se o secretário de Xavier, o qual tinha uma indústria farmacêutica, não tivesse estranhado o afastamento do chefe e insistido para que a Polícia o acompanhasse nas buscas à casa do morto. Carmem afirmou que o homem estava no jardim e todos se dirigiram até lá, onde Beatriz mostrou a cova florida, a qual foi aberta pelos policiais, que encontraram um Xavier já deformado, roído e de olhos abertos.

Sabendo exatamente quem o havia assassinado, um dos policiais afirmou que o certo a fazer seria prender as duas, que solicitaram ficar em uma mesma cela. Outro policial, para espanto de todos, querendo evitar barulho, papel escrito e falação, disse que o melhor mesmo era que as duas fossem morar em Montevidéu.

Percebemos, neste conto, que o motivo gerador da vingança foi o mesmo que no primeiro: a traição amorosa; no entanto, é imprescindível colocarmos a diferença na abordagem dos dois contos, pois, no primeiro, o marido resolve encerrar a vida daqueles que lhe traíram: sua esposa e seu melhor amigo; por outro lado, no segundo conto analisado, além de, de certo modo, aceitarem continuar vivendo com o marido traidor, ainda há o caráter de comicidade que permeia todo o texto: as duas correm para bater nele, mantêm o cadáver no próprio jardim e, mais surpreendente ainda, os policiais que são convidados a resolver o caso não querem se envolver em confusão e mandam as duas fugirem do país.

Além disso, outra característica nos chama a atenção, pois no primeiro conto em estudo a esposa é adúltera, o que era inconcebível em pleno século XIX; já no segundo texto analisado, rotineiramente já ocorre o triângulo amoroso, e as duas passam a não aceitar o fato de uma terceira mulher para Xavier, com o aparecimento de uma prostituta “predileta”. Vale lembrar ainda que, neste último caso, o que não é aceito, de certo modo, é o homem traidor.

Sabendo que hoje em dia o inaceitável é que se mantenham casos amorosos extraconjugais pelo fato de nada mais prender duas pessoas a um relacionamento além do desejo e do amor, no conto de Clarice parece inconcebível para as companheiras de Xavier que ele mantenha um certo envolvimento com sua prostituta predileta por causa da repetição e frequência dos encontros amorosos.

Deste modo, podemos pressupor que, embora tenham ocorrido mudanças significativas em várias percepções inerentes à vida social, o conto *O corpo*, embora não em sua plenitude, sofreu influências do conto *A cartomante*, representando um aprofundamento nas relações decorrentes da passagem do tempo e mudança de concepções.

Mesmo sob prismas distintos, os dois contos em estudo se propõem a realizar uma denúncia social, obviamente não desvencilhados dos paradigmas literários e sociais vigentes.

3.4. Em busca de uma visão consensual

Sabe-se que muitos críticos não aceitam uma comparação entre os dois escritores conforme feito neste trabalho, afirmando que nenhum escritor consegue se equiparar a Machado de Assis, tendo em vista a capacidade de percepção da realidade, a linguagem utilizada; outros, por sua vez, afirmam que Clarice foi quem de fato realizou essa análise tão aguda do interior das personagens, percebendo para além da realidade.

Contrariamente às críticas, nosso estudo buscou apontar alguns pontos de confluência entre os dois autores. Simon (2009) já havia dito que Clarice Lispector, a exemplo de Machado de Assis, segue na busca do que não pode ser explicado ainda, considerando o simples, o corriqueiro, o banal, o entorno de seus personagens (SIMON, 2009, p. 25).

Esse modo peculiar de perceber além do que se reflete pela realidade circundante já nos permite uma aproximação entre ambos. Obviamente percebendo Machado como precursor e Clarice dotada de uma agudeza talvez não tão evidente no primeiro.

Utilizando o estudo de Antonio Cândido, Simon (2009) vai além:

Chamo a atenção para o fato de Antonio Cândido ler a tentativa da escritora em percorrer labirintos nem sempre evidentes na realidade. O ensaísta já apontava esse traço particular na escrita clariceana, já presente na produção machadiana e destacada por vários estudiosos de sua obra. Por essas e outras é que procuro chamar a atenção de que há um diálogo de Clarice com Machado, situando-o como um precursor da escritora, na perspectiva apontada por Borges, ao percorrer os intrincados caminhos da realidade (SIMON, 2009, p. 24-25).

Compreendemos, assim, que o ponto de encontro ocorre especialmente na abordagem de suas temáticas e de seus personagens, optando pelo que de fato é visto como banal, como corriqueiro, como simples.

Outro ponto de encontro entre eles e que merece ser destacado é o fato de terem produzido contos, crônicas e romances, sempre revelando o que está adiante, mas que insistentemente era escondido.

Se fizermos um percurso por alguns de seus personagens, nos depararemos com o inconformismo diante de mulheres fragilizadas, subjugadas e passivas, trazendo à tona o desejo de transgressão e mudança da situação atual.

A atenção ao detalhe e às coisas secretas, segundo Simon (2009) é outro fator em comum entre os dois autores, percebendo as minúcias e banalidades como fatores importantes e decisivos.

Conforme afirma Simon: “Com o mesmo respeito machadiano ao universo das palavras e à eleição de suas temáticas, a escritora busca as secretas relações no labirinto da realidade” (SIMON, 2009, p. 38).

Conclusões

A partir das interpretações aventadas no item anterior e das bases pesquisadas por meio da fundamentação teórica, percebemos que, embora muitas peculiaridades permeiem cada conto analisado, seria impossível discorrer sobre a temática da traição e da vingança sem ter se embasado em autores renomados, em especial Machado de Assis, o qual genuinamente abordava sutilmente tais aspectos que estavam intrínsecos à sociedade.

Podemos afirmar ainda que as características isoladas de cada um de certo modo se deve ao fato do período literário de que são provenientes, uma vez que, como o conto *A cartomante* foi produzido durante o século XIX, período que caracterizou o Realismo, a abordagem da sociedade ocorria de forma mais discreta principalmente por já se tratar de um período de quebra de paradigmas, pois anteriormente os problemas vivenciados pelas pessoas tendiam a ser escamoteados.

Por sua vez, durante a contemporaneidade há um leque muito maior de possibilidades de se abordar todos os males presentes na sociedade, em especial de forma irônica, como ocorre no conto *O corpo*, de Clarice Lispector, pois, à medida em que debate por meio da narrativa uma temática que gera tanto mal-estar em todos, mas que não deixa de estar intrínseco nos mais diversos povos e costumes, o faz de forma bastante ímpar por permear toda a sua história a sexualidade aflorada dos personagens, o que não é observado, pelo menos diretamente, no primeiro conto.

Sendo assim, observamos pontos convergentes no que diz respeito à abordagem dos problemas da sociedade, em especial a questão da traição resultando em uma vingança cruel e planejada, fato recorrente nos dois textos. Por outro lado, nos deparamos com várias características específicas em cada um, que, além de serem decorrentes do período literário e dos costumes de cada sociedade – sendo caracterizado o século XIX por um pensamento mais fechado, que buscava esconder os problemas, embora não os eliminasse e a contemporaneidade por uma maior abertura de pensamentos e de relações, em que já se permite a escolha de parceiros pelo desejo e pelo amor – também são resultado ainda das características de cada escritor, percebendo em Machado de Assis um autor pioneiro em delatar os desejos mais ocultos, tendo em vista sua análise psicológica e a amostragem das pessoas como seres interesseiros e egoístas; e em Clarice Lispector uma análise que vai além do psicológico, tendendo ao metafísico, pelo fato de que expõe, até certo momento, como os desejos sexuais conseguem ser mais fortes que as duas mulheres, tendo em vista que

inicialmente aceitam que o homem dividido pelas duas tenha ainda outras mulheres, e apenas posteriormente resolvendo finalizar a situação, com o assassinato do companheiro.

Nesse ínterim, não percebemos, diretamente, a influência do texto realista no texto contemporâneo, mas tantos e tão importantes pontos em comum que não podemos afirmar que o segundo não buscou de alguma maneira resquícios deixados pelo primeiro, que seria tido como um texto-fonte, apesar das diferenças encontradas em cada conto que os tornam únicos. Sendo assim, atingimos um princípio-base da literatura comparada, que é o de não apenas perceber pontos iguais em dois os mais textos, mas exatamente o de conseguir enxergar suas diferenças que caracterizam a sua unicidade.

Referências

AMORA, Antônio Soares. **Introdução à Teoria da Literatura**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

ASSIS, Machado de. *A cartomante*. In: **Obra completa**. Várias histórias. Vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Trad. Claudia Fares. São Paulo: Arx, 2004.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 36. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOSI, Alfredo. **Machado de Assis – o enigma do olhar**. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. São Paulo: Ática, 2004.

CASTELLO BRANCO, Lúcia. **O que é erotismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

COSTA LIMA, Luiz. **Teoria da Literatura em suas fontes**. Vol 2., 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

FAORO, Raymundo. **Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**; Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREADMAN, Richard; MILLER, Seumas. **Re-pensando a Teoria** – Uma crítica da Teoria Literária Contemporânea. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade** – sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1993.

GLEDSON, John. **Machado de Assis: Ficção e História**; Trad. Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

LISPECTOR, Clarice. *O corpo*. In: **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

REIS, Luzia de Maria R. **O que é conto**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SIMON, Kátia Castilho. **Nos labirintos da realidade, um diálogo de Clarice Lispector com Machado de Assis**. Porto Alegre, 2009.